

O Trabalho de Campo e a Educação Ambiental: possíveis abordagens em um curso de extensão

Field Work and Environmental Education: possible approaches in a workshop

Ana Lúcia Olivo Rosas Moreira

Universidade Estadual de Maringá
alormoreira@gmail.com

Paulo Augusto Berezuk

Universidade Estadual de Maringá
pberezuk2@hotmail.com

Resumo

Nos processos educativos que abordam a temática ambiental é essencial identificar as representações sociais dos participantes, no intuito de compreender os conhecimentos prévios e trabalhar os aspectos positivos e negativos. O Trabalho de Campo representa uma estratégia didática que precisa ser abordada na formação docente, por diminuir o uso das metodologias tradicionais de ensino e aumentar o contato dos estudantes com o ambiente. Este trabalho consistiu em analisar os perfis dos docentes participantes de um curso de extensão, suas representações sociais sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental e suas concepções sobre o Trabalho de Campo. Realizou-se um estudo de caso de cunho quali-quantitativo, utilizando-se de dois questionários semiestruturados, aplicados em momentos distintos do curso. Conclui-se que a maioria dos cursistas mudou os seus conceitos, aperfeiçoando seus conhecimentos sobre Meio Ambiente, Educação Ambiental e o Trabalho de Campo.

Palavras chave: educador ambiental, representações sociais, atividades extraclasse, formação docente.

Abstract

Identifying the social representations from participants in education processes, where the environmental theme is presented, is essential. This because we should understand their previous knowledge and then work with positive and negative aspects. The Field Work means a didactic strategy which is necessary for the teaching formation process, once it decreases the use of traditional methods of teaching. Further, it increases the relationship between students and the environment. We analyze in this paper the profiles of teachers who participate in a workshop. We observe their social representations concerning themes of Environment and Environmental Education, and also their conceptions about Field Work. For that, we developed a qualitative case study, with two semi-structured questionnaires, which were used in different moments of the workshop. We concluded that the majority of the participants have changed their conceptions, and they also have improved their knowledge about Environment, Environmental Education and Field Work.

Key words: environmental professional, social representations, extraclass activities, teaching formation.

Introdução

Muito se tem falado sobre os problemas ambientais que assolam a humanidade e da necessidade de que as gerações atuais e futuras desenvolvam uma consciência ambiental no sentido de não somente se preocupar com o meio ambiente, mas também, de participar ativamente nas tomadas de decisões que influenciam na qualidade de vida dos cidadãos. Essa maior participação das pessoas nas decisões está incluída na definição de Reigota (2012) de que a Educação Ambiental é uma educação política, ou seja, um ensino centrado na verificação das relações políticas, sociais, econômicas e culturais entre os povos e a natureza e as relações entre as pessoas, focando na superação do domínio e controle das classes dominantes que prejudicam a participação livre, consciente e democrática. Para alcançar este objetivo, é fundamental que se inicie, primeiramente, nas escolas, um processo de reflexão e construção coletiva com professores e equipe pedagógica, baseados na avaliação crítica das teorias e práticas pedagógicas na perspectiva de se viabilizar a inserção da educação ambiental no currículo escolar.

Yamashiro (2007) explica que trabalhar com a educação ambiental nas escolas sugere a construção de momentos de integração entre alunos, professores e os demais elementos participantes deste contexto, que serão enriquecidos pela troca de saberes e pela reflexão crítica sobre o modelo de educação que está presente e sobre aquilo que se deseja desenvolver na escola. A referida autora esclarece que esse momento possui grande importância para o desenvolvimento de um processo educativo que atenda às necessidades sociais, pois o trabalho coletivo auxiliará os docentes a buscarem soluções prático-pedagógicas para os problemas considerados emergenciais.

A importância de se utilizar atividades práticas na Educação Ambiental não é uma novidade, pois esta estratégia de ensino foi mencionada e esclarecida em detalhes desde a Conferência de Tbilisi, em 1977. Conforme Dias (2004), as pessoas não se envolvem com os ensinamentos da Educação Ambiental estando dentro de uma sala de aula, com o uso do quadro-negro ou recursos audiovisuais. Ou seja, é necessário sentir o cheiro, a temperatura, os sons e demais características do ambiente na escola, no bairro, em sua cidade ou qualquer outro lugar. Enfim, a Educação Ambiental foca na ação, visando à verificação e resolução dos problemas socioambientais que afligem a comunidade, buscando a mudança no estilo de vida das pessoas em relação aos seus modos de agir e pensar sobre o meio ambiente.

Compreendendo que as razões das atividades práticas são essenciais na Educação Ambiental, um aspecto que é importante de se abordar durante a formação docente, focando a diminuição do uso das metodologias tradicionais de ensino e aumentando o contato dos estudantes com o ambiente que os circunda, é o **Trabalho de Campo**. Segundo Dourado (2001), o Trabalho de Campo consiste em atividades que são realizadas ao ar livre, onde são utilizados os materiais presentes no meio ambiente e onde os fenômenos ocorrem. Esta modalidade didática possui uma forte ligação com a educação ambiental, pois, o Trabalho de Campo proporciona aos alunos a oportunidade de observar a frequência e a distribuição de animais e plantas no seu *habitat* natural, os fenômenos nos quais estão envolvidos, seus papéis no *habitat*, servindo, também, de estímulo para que os alunos tenham interesse e curiosidade sobre o funcionamento do meio ambiente local e, conseqüentemente, maior vontade de aprender os conteúdos de ciências naturais (DOURADO, 2006).

Nos processos educativos que abordam a Educação Ambiental é essencial identificar as

representações sociais dos participantes desses processos antes de realizá-los. Reigota (2001) mostra que, na Educação Ambiental, a compreensão das variadas representações sociais busca a negociação e solução dos problemas ambientais por meio da obtenção de mais informações sobre como um grupo de pessoas irá interpretar, pensar e agir sobre as questões ambientais. Com esses dados, o educador é capaz de entender quais são os conhecimentos prévios dos agentes sociais e de como trabalhar os seus aspectos positivos e negativos.

Reigota (2001) elaborou uma classificação das representações sociais em relação ao significado do termo Meio Ambiente. Esta classificação foi elaborada através da análise dos resultados obtidos pelo pesquisador em estudo sobre as representações sociais de professores. Assim, podemos visualizar as descrições das tipologias de Meio Ambiente na seguinte tabela.

Tipologia	Descrição de Meio Ambiente
Naturalista	O meio é descrito somente nos seus aspectos naturais. O ser humano não pertence ao Meio Ambiente.
Antropocêntrica	O meio é sinônimo de fonte de recursos naturais para a sobrevivência humana.
Globalizante	O meio é composto pela natureza e a sociedade humana.

Tabela 1: Tipologia de Meio Ambiente conforme Reigota (2001)

Sauvé (2005) também formulou uma cartografia contendo as explicações sobre os vários tipos de correntes de Educação Ambiental existentes que auxiliam na interpretação das representações sociais sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental. Neste sentido, Sauvé (2005) dividiu as correntes de Educação Ambiental em dois grupos: as correntes mais antigas e tradicionais (naturalista, conservacionista/recursista, resolutive, sistêmica, científica, humanista e moral/ética) e as mais recentes (holística, biorregionalista, práxica, crítica, feminista, etnográfica, ecoeducação e sustentabilidade). A tabela a seguir descreve, resumidamente, as correntes de Educação Ambiental, contendo as suas concepções a respeito do Meio Ambiente e os seus objetivos na Educação Ambiental.

Correntes	Concepções de Meio Ambiente	Objetivos da Educação Ambiental
Naturalista	Natureza	Refazer a ligação entre a Natureza e o Homem.
Conservacionista/ Recursista	Recurso	Orientar comportamentos para conservação de recursos naturais. Desenvolver habilidades de gestão ambiental.
Resolutiva	Problema	Ensinar a identificar e resolver problemas ambientais.
Sistêmica	Sistema	Construir o pensamento sistêmico. Entender as realidades ambientais, para tomar decisões apropriadas.
Científica	Objeto de estudos	Obter conhecimentos em ciências ambientais. Desenvolver habilidades relacionadas à experiência científica.
Humanista	Meio de vida	Mostrar as interações das pessoas com o ambiente. Desenvolver um sentimento de pertença.
Moral/Ética	Objeto de valores	Dar prova de ecocivismo. Elaborar um sistema ético.
Holística	Todo O Ser	Construir um conhecimento “orgânico” do mundo e o atuar participativo em e com o meio ambiente.
Biorregionalista	Projeto comunitário	Ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional.
Práxica	Ação/reflexão	Aprender em, para e pela ação. Elaborar competências de reflexão.
Crítica	Lugar de emancipação	Mudar as realidades socioambientais para alterar o que causa os problemas.
Feminista	Objeto de solicitude	Adicionar os valores feministas à relação com o Meio Ambiente.
Etnográfica	Natureza/Cultura	Reconhecer e valorizar a dimensão cultural na sua relação com o

		Meio Ambiente.
Ecoeducação	Interação para a formação pessoal	Experimentar o Meio Ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo Meio Ambiente.
Sustentabilidade	Desenvolvimento econômico com maior equidade social	Incentivar um desenvolvimento econômico que respeite os aspectos sociais e que não prejudique as gerações futuras.

Tabela 2: Representações ambientais segundo Sauvé (2005).

Assim, compreendendo a importância do Trabalho de Campo na Educa o Ambiental e a necessidade de se conhecer as representa es sociais dos indivíduos no início dos processos educativos, esta pesquisa visou   verifica o de um grupo de professores participantes de um curso de extensão. Esses professores são da rede pública de ensino e trabalham no Ensino Fundamental e Médio. O curso de extensão faz parte da metodologia da tese de doutorado que está sendo desenvolvida pelos autores deste artigo. Este trabalho consistiu em analisar os perfis dos docentes participantes do curso, suas representa es sociais sobre Meio Ambiente e Educa o Ambiental e suas concep es a respeito do Trabalho de Campo.

Metodos

Para a realiza o desta pesquisa, foi realizado um estudo de caso de cunho quali-quantitativo. Em vista de uma compreensão mais completa da questão pesquisada, o estudo de caso focaliza na interpreta o de um contexto, tende a retrata o da realidade de forma holística, permite o uso de diversas fontes de informa o e de generaliza es e revela a experiência (ANDRÉ, 2005).

No decorrer do curso de extensão, foram aplicados dois questionários semiestruturados em momentos distintos. No início do curso, o primeiro questionário, contendo cinco questões, foi submetido aos vinte e seis professores participantes. As questões se referiram   forma o do professor, seu tempo de atua o como docente, suas representa es sociais sobre Meio Ambiente e Educa o Ambiental e suas concep es prévias sobre o Trabalho de Campo. O segundo questionário, com três questões, foi aplicado no fim do curso aos vinte e um docentes presentes no dia. Essas três perguntas também abordaram as representa es sociais de Meio Ambiente e Educa o Ambiental e suas concep es sobre a modalidade didática do Trabalho de Campo. Este procedimento foi realizado no intuito de comparar as respostas concedidas pelos professores no início e no final do curso de extensão, a fim de verificar suas aprendizagens e mudanças conceituais.

As representa es de Meio Ambiente e de Educa o Ambiental foram discutidas, baseando-se nas classifica es elaboradas por Reigota (2001) e Sauvé (2005).

Resultados e discussão

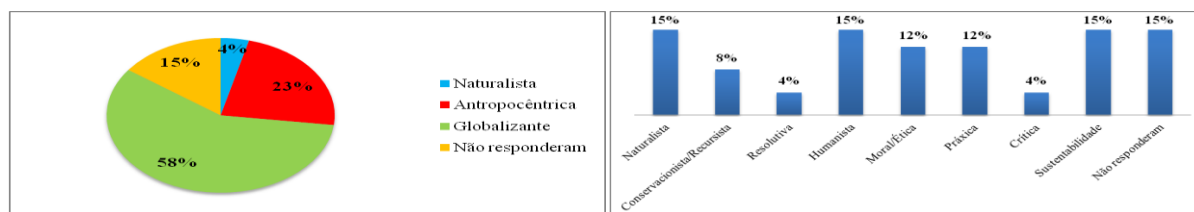
In cio do curso de extensão

Em rela o   forma o dos vinte e seis docentes participantes do curso de extensão, dezesseis professores (62%) são geógrafos, sendo que entre eles há dois professores formados, ainda, em História e um em Pedagogia. Sete participantes (27%) são biólogos, dois docentes (7%) são matemáticos e um   químico (4%). Todos os docentes responderam que possuem p s-gradua o, sendo que vinte e quatro (92%) fizeram p s-gradua o *lato sensu* e dois (8%) *stricto sensu* em nível de mestrado. Um docente possui forma o nos dois tipos de p s-gradua o. Estas porcentagens mostram como a temática sobre a modalidade didática do Trabalho de Campo despertou maior interesse entre os professores de Geografia em compara o com os docentes das demais áreas, o que reflete, implicitamente, a importância

dessa modalidade nesta área e na maneira e frequência que é trabalhada na sua formação docente. Rodrigues e Otaviano (2001) explicam que o uso da interdisciplinaridade é uma das características fundamentais para que o Trabalho de Campo ajude os estudantes a construir um conhecimento que lhes permita compreender o mundo com uma visão mais holística. Quanto mais disciplinas desenvolverem atividades considerando um Trabalho de Campo, melhor será sua contribuição ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, pois será maior o número de aspectos de um dado ambiente que serão trabalhados.

Sobre o tempo de experiência no magistério, três (12%) dos entrevistados têm de 0-5 anos de experiência, dois (8%) possuem de 6-10 anos, dois (8%) têm de 11-15 anos, três (12%) possuem de 16-20 anos, onze (40%) têm de 21-25 anos, três (12%) possuem de 26-30 anos e dois (8%) têm de 35-40 anos de experiência no magistério. Estes dados sugerem que tais professores sentem a necessidade de uma atualização contínua para promover uma docência mais dinâmica e interativa, que possam despertar o interesse ao aluno pelo objeto de conhecimento, a partir de contato com o meio ambiente. Sugerem ainda, que os professores desejam compreender melhor, apesar dos muitos anos de experiência no magistério, que o Trabalho de Campo é viável de ser praticado nas escolas e nas diversas disciplinas e possui forte conexão com as atividades práticas em Educação Ambiental. É importante destacar que o Trabalho de Campo não se resume a excursões, visitas aos parques ecológicos ou demais lugares geralmente distantes das escolas, provocando gastos financeiros com transporte que, muitas vezes, não coincidem com a realidade econômica das escolas e de seus alunos. O Trabalho de Campo pode ser praticado no pátio das escolas, no entorno dessas instituições de ensino e lugares próximos que não demandam transporte. Isto facilita o aumento da frequência de utilização dessa modalidade didática sem prejudicar a qualidade do ensino (DOURADO, 2006).

As porcentagens relacionadas às representações sociais de Meio Ambiente e Educação Ambiental podem ser visualizadas nas figuras 1 e 2.



Figuras 1 e 2: Percentagens das representações sociais de Meio Ambiente e Educação Ambiental dos docentes cursistas no início do curso. Fonte: dos próprios autores.

Na figura 1, nota-se que as tipologias de Meio Ambiente mais frequentes foram a globalizante e a antropocêntrica, com 58% e 23% respectivamente. Este resultado pode ser considerado positivo, pois conforme as explicações de Reigota (1999), quando os docentes possuem uma representação globalizante, estes intercalam a transmissão de conteúdos com atividades inovadoras; os de representação ambiental antropocêntrica realizam uma prática pedagógica focada na transmissão de conteúdos científicos; os de representação naturalista executam sua prática pedagógica centrada no conhecimento da natureza, como se a Educação Ambiental fosse sinônima de ensino de Ecologia.

Na figura 2, constata-se que há diversas correntes de Educação Ambiental entre os professores cursistas. As representações do tipo naturalista, humanista e da sustentabilidade se destacam com 15% cada e as da moral/ética e praxica com 12% cada. Esta variabilidade de concepções corrobora a necessidade de se trabalhar a temática ambiental de maneira interdisciplinar, pois cada corrente aborda os aspectos socioambientais seguindo os seus enfoques e ações pedagógicas. Portanto, quanto maior a diversidade de enfoques e ações

pedagógicas, maior será a relevância da Educação Ambiental nos aspectos didáticos e na formação científica, ambiental e cidadã dos estudantes. Destaca-se que quatro professores não responderam o questionário.

As concepções de Trabalho de Campo mostram certas diferenças entre os docentes da área de Geografia e as demais áreas presentes no curso de extensão. Os professores formados em Biologia, Matemática e Química responderam que o Trabalho de Campo é importante para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, devido ao fato de proporcionar um aumento do contato entre o tema que está sendo estudado e os alunos. Porém, esses docentes não citaram informações mais detalhadas sobre esta metodologia. Aponta-se, ainda, que alguns desses professores responderam que o Trabalho de Campo seria um passeio com os alunos.

Trabalho de campo é muito interessante, por exemplo, um passeio pelo Parque do Ingá, dar um olhar diferenciado para natureza e trabalhar as questões da preservação. (P1, 40 anos de experiência no magistério)

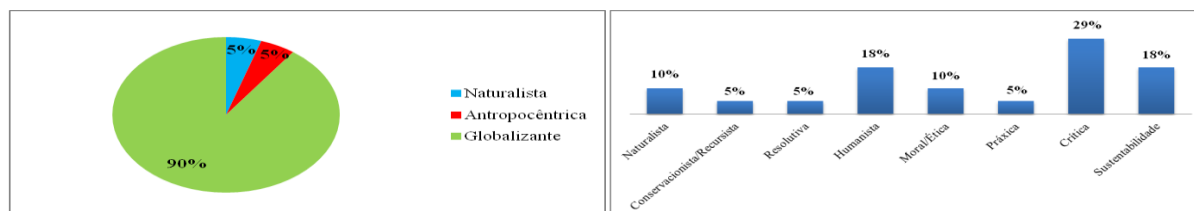
Tratar o Trabalho de Campo como um passeio pode revelar o não cumprimento dos objetivos esperados pela atividade e um descaso pela aprendizagem dos conhecimentos a serem trabalhados com os alunos exigindo assim, um prévio e detalhado planejamento. Dourado (2006) esclarece que os resultados esperados em um Trabalho de Campo podem não ser alcançados, porque a motivação dos alunos, ocasionada neste caso, não é suficiente para que tenham uma aprendizagem dos conceitos e nem consigam adquirir hábitos e destrezas científicas. Soma-se, ainda, a orientação que se dá no decorrer da atividade, como características prescritivas e com o cumprimento de instruções detalhadas que já orientam os alunos a respostas corretas, servindo, assim, somente para comprovar teorias e desenvolver habilidades manipulativas.

Os professores de Geografia, além de citarem a importância do Trabalho de Campo em aumentar a vivência dos educandos sobre o assunto abordado nos estudos, mencionaram alguns aspectos da metodologia desse tipo de atividade. Além disso, estes profissionais apontaram que possuem dificuldades em executar essas práticas nas escolas, resultando, assim, na diminuição da frequência de utilização desta modalidade didática.

Na minha opinião, o trabalho de campo enriquece o aprendizado, com certeza o aluno aprende mais com a prática, mas tenho encontrado dificuldades para desenvolvê-lo nas minhas práticas pedagógicas. (P2, 24 anos de experiência no magistério)

Fim do curso de extensão

O segundo questionário foi aplicado no final do curso de extensão aos vinte e um professores participantes presentes no dia. Suas representações sociais de Meio Ambiente e Educação Ambiental estão quantificadas nas figuras 3 e 4.



Figuras 3 e 4: Percentagens das representações sociais de Meio Ambiente e Educação Ambiental dos docentes cursistas no final do curso. Fonte: dos próprios autores.

Na figura 3, verifica-se que a tipologia de Meio Ambiente predominante é a globalizante, com 90% das respostas dos professores.

Observando a figura 4, percebe-se que 29% dos docentes entendem que a Educação

Ambiental se refere a transformações das realidades socioambientais no intuito de modificar os fatores que causam os problemas relacionados a essas realidades e 18% compreendem que a Educação Ambiental deve promover o Desenvolvimento Sustentável.

Em relação às concepções de Trabalho de Campo, os professores participantes, independentemente de sua formação acadêmica, revelaram possuir conhecimentos sobre essa modalidade didática como: suas conexões com as atividades práticas em Educação Ambiental; sua importância para formação científica e cidadã dos estudantes; os possíveis locais de sua realização e detalhes das etapas de planejamento e execução deste tipo de atividade.

O trabalho de campo é um importante instrumento para o desenvolvimento de atividades em diversas áreas, inclusive a educação ambiental. Quando bem planejado, organizado e desenvolvido, este pode ter bons resultados. Para isso é necessário ter clareza dos objetivos a serem atingidos. Por ser uma atividade prática, onde o aluno tem um contato direto com o objetivo estudado, desperta o interesse e estimula a participação. (P3, 22 anos de experiência no magistério)

Conclusões

Analisando as figuras 1 e 3 que mostram as representações sociais sobre Meio Ambiente, segundo a classificação elaborada por Reigota (2001), nota-se que a tipologia globalizante aumentou de 58% para 90%. Esses resultados comprovam que o curso de extensão foi capaz de qualificar os professores cursistas que a Educação Ambiental não é somente um conjunto de conhecimentos teóricos a serem transmitidos aos estudantes. Para que a sensibilização ambiental ocorra, é preciso experimentar práticas diferenciadas no cotidiano escolar, e o Trabalho de Campo, é essencial para provocar o sentimento de uma necessidade de mudança e de colaboração com este processo.

Verificando as figuras 2 e 4 que abordam as diferentes representações ambientais dos docentes, observa-se que houve um aumento nas percentagens das representações que consideram a Educação Ambiental como um ensino que vise à formação de cidadãos críticos e participantes das decisões que provocam mudanças na sociedade. Essas representações ambientais interpretam o Meio Ambiente como um conjunto de elementos formados pelos aspectos sociais, éticos, políticos, econômicos, culturais, ecológicos, científicos e tecnológicos. Portanto, estes resultados coincidem com o método de trabalho do curso de extensão, pois durante os encontros com os docentes, foi discutido que a Educação Ambiental precisa ser realizada nas escolas de forma holística e interdisciplinar. Ou seja, interpretando o meio em todos os seus aspectos e com os professores das diversas disciplinas em um trabalho conjunto. Assim sendo, o uso da modalidade didática do Trabalho de Campo se torna um método promissor para trabalhar a Educação Ambiental.

Sobre as concepções de Trabalho de Campo, no início do curso, os professores graduados em Biologia, Matemática e Química evidenciaram que possuíam poucos conhecimentos sobre esta metodologia, inclusive considerando-a como um passeio. Já os docentes geógrafos tinham um conhecimento mais aprofundado a respeito desta modalidade didática em comparação com os professores das demais áreas. Desse modo, no decorrer do curso de extensão, a metodologia do Trabalho de Campo foi sendo trabalhada detalhadamente, utilizando-se de vários exemplos de atividades de campo que englobavam as formações acadêmicas dos docentes cursistas e possibilitavam a sua prática de forma interdisciplinar. O curso de extensão aperfeiçoou os conhecimentos desses profissionais em relação à temática do Trabalho de Campo, independentemente de sua formação acadêmica, conforme descrito nas concepções concedidas pelos professores no final do evento.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 2005.
- DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- DOURADO, L. Trabalho Prático (TP), Trabalho Laboratorial (TL), Trabalho de Campo (TC) e Trabalho Experimental (TE) no Ensino das Ciências – Contributo para uma clarificação de Termos. In: VERÍSSIMO, A.; PEDROSA, A.; RIBEIRO, R. (Coord.). **Ensino experimental das ciências: (re)pensar o ensino das ciências**, 2001.
- DOURADO, L. O trabalho de campo na formação inicial de professores de Biologia e Geologia: opinião dos estudantes sobre as práticas realizadas. **Boletín das ciencias**, Ano 19, n. 61, 2006, p. 1-17.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. **Meio Ambiente e representação social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina: um estudo de suas representações sociais**. São Paulo: Annablume, 1999.
- RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia metodológico de trabalho de campo em geografia. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 10, n. 1, 2001, p. 35-43.
- SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: ArtMED, 2005.
- YAMASHIRO, C. R. C. **Formação de professores pela construção coletiva de um projeto de educação ambiental na escola**. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência - Faculdade de Ciências/UNESP-Bauru, 2007.